

Movimento Social e Espaços de Aprendizagens no Brasil: o Caso das Quebradeiras de Coco de Imperatriz no Maranhão

Social Movement and Learning Spaces in Brazil: the Case of Coconut Breakers from Imperatriz in Maranhão

Rosyjane Paula Farias Pinto^a; Neli Teresinha Galarce Machado^{a*}; Marcos Rogério Kreutz^a

^aUniversidade do Vale do Taquari, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino. RS, Brasil.

*E-mail: ngalarce@univates.br

Resumo

Este trabalho notabiliza os movimentos sociais como espaços de ensino e aprendizagem, tornando-se ambientes propícios para a construção de novos e significativos saberes de mulheres quebradeiras de coco babaçu em busca de maior autonomia e liberdade. O objetivo do estudo é conhecer a história das quebradeiras de coco, procurando compreender de que forma o movimento tem possibilitado a essas mulheres, por meio das atividades coletivas, a obtenção de novos saberes, bem como a concepção dessas mulheres quebradeiras sobre aprendizagem e ensino. O trabalho delineado é de caráter etnográfico, com análise qualitativa. Os resultados demonstram que o movimento social, enquanto espaço de ensino e aprendizagem, propicia às mulheres quebradeiras garantir uma identidade ressignificada, a partir das relações coletivas.

Palavras-chave: Mulheres. Movimento Social. Aprendizagens. Quebradeiras de Coco babaçu. Maranhão.

Abstract

This work marks the social movements as teaching and learning spaces, becoming good environments for the construction of new and significant knowledge of babassu coconut breakers women seeking a greater autonomy and freedom. This study aims to know the history of coconut breakers, trying to understand how the movement has enabled these women through collective activities to obtain new knowledge, as well as the conception of these women on learning and teaching. The outline of this work is of ethnographic character, with qualitative analysis. The results demonstrate that the social movement, as a space for teaching and learning, provides coconut breakers women a resigined identity based on collective relations.

Keywords: *Women. Social movement. Learning. Babassu coconut breakers. Maranhão*

1 Introdução

A história da humanidade tem sido marcada por constantes mudanças, que se deve a inumeráveis fatores, dentre estes destacam-se os movimentos sociais, evidenciados como instrumentos de transformação, detentores de uma dinâmica sobre os quais nem sempre há teorização e, conseqüentemente, suas descrições acompanham essa complexidade.

Os movimentos sociais despontam como os mais eloquentes indicadores para a análise do funcionamento da sociedade. Traduzem o persistente movimento das forças sociais, possibilitam identificar as tensões entre os diferentes grupos de interesses, bem como manifestam as veias abertas das complexas estruturas do desenvolvimento das sociedades.

Em cada contexto histórico, os movimentos sociais se evidenciam como um medidor das tensões da sociedade, das áreas de carência estrutural, dos focos de insatisfação, dos desejos coletivos, permitindo a efetivação de um genuíno mapeamento das relações sociais. Além disso, possuem aspectos peculiares quanto às suas constituições e as motivações para a construção do seu objeto. Tanto seus aspectos como objeto são condicionados pelas diferentes constelações históricas, razão pela qual não se pode percebê-

los sem remissão direta às determinações históricas, ou seja, sem um olhar holístico para as transformações políticas, econômicas e sociais da sociedade.

Em vista disso, os movimentos sociais apresentam uma conjectura mais exata da realidade vivida pelos sujeitos, apresentando, com maior grau, as carências e as demandas dessas realidades, o que permite, de fato, perceber e compreender as injustiças e anseios que envolvem estes atores sociais.

O ideário do movimento social remete, de forma constante, à problemática vivida pelas classes sociais como reflexos da sociedade capitalista. Nesse modelo de sociedade, que para uns é ambígua e para outros contraditória, os movimentos sociais se apresentam como expressão viva na luta por melhores condições de vida humana, de valorização e de respeito do ser humano, conseqüentemente, de viver com dignidade e com melhor qualidade de vida.

De modo igual, é essencial destacar que a humanidade sempre viveu e continuará vivendo um permanente processo de ensinar e aprender. Essa realidade humana se confirma, tendo em vista que o ensinar é um exercício compartilhado no cotidiano dos sujeitos sociais. A dinâmica da relação existente

entre o ensino e a aprendizagem surge em toda a extensão da vida humana, pois a obtenção e a produção de conhecimento não ocorrem tão somente nos espaços formais de aprendizagem como muito se propagou, mas nas moradias, nos locais de trabalho, nas organizações, ou seja, nos espaços coletivos que se caracterizam, por alguma motivação, como espaços de pertencimento, espaços não formais de aprendizagens.

A aprendizagem é percebida como sendo um processo de formação humana, criativo e de aquisição de saberes, considerando que os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo histórico e nas relações sociais, não são exatamente os mesmos transmitidos por um indivíduo, meio ou instrumento tecnológico, porque o indivíduo reestrutura o que adquire segundo sua cultura.

A conexão dos novos saberes adquiridos nos espaços não formais de aprendizagem vividos na coletividade e, também, na luta pela afirmação de direitos sociais e culturais contemporâneos como: meio ambiente, sexo, etnia, segurança, gênero, qualidade de vida, liberdade, justiça social e direitos humanos, só é possível, quando os novos saberes permitem, que os atores sociais desenvolvam competências e habilidades para participar, de forma mais ativa, da vida em sociedade, bem como de adquirir um pensamento reflexivo, que qualifique sua ação política na busca por direitos.

O intento deste artigo é apresentar a história das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia, pertencente ao município de Imperatriz no Maranhão, procurando conhecer e analisar a participação das mulheres quebradeiras de coco, dentro dos movimentos sociais. Trata-se de mulheres inseridas de forma direta ou indireta em importante movimento social, com destaque, para o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu - MIQCB.

Os movimentos sociais, tendo como referência as falas das interlocutoras, as quebradeiras de coco, são apresentados como espaços não formais de aprendizagens que permitem aos grupos a organização, aspirando a luta por igualdade de direitos, de liberdade, de melhor qualidade de vida e autonomia, bem como ambiente coletivo para reivindicar maior visibilidade na medida em que mobilizam ideias e valores e criam espaços para a construção de novos saberes e aprendizados coletivos.

Assim, compreender os temas que envolvem o tema movimento social, espaços não formais de aprendizagens, identidade cultural e empoderamento se mostram, nas últimas três décadas, sempre atuais no contexto e no modelo

econômico que vive a sociedade capitalista¹.

2 Material e Métodos

O universo apresentado se volta para a realidade do Estado do Maranhão no povoado denominado Coquelândia, localizado no município de Imperatriz, sendo evidenciada a vida e luta de mulheres quebradeiras de coco, inseridas no Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu - MIQCB.

A pesquisa² delineada é de caráter etnográfico com análise qualitativa, rica em descrições das mulheres quebradeiras de coco babaçu. Os registros etnográficos foram feitos a partir da observação participante, no cotidiano da comunidade, nos encontros realizados no povoado e fora do mesmo, nas reuniões realizadas enquanto movimento social, em seus ambientes familiares e durante as viagens realizadas³.

Para a coleta de dados, além da observação participante, também se utilizou a entrevista semiestruturada e da história de vida, bem como dos discursos pronunciados nos mais diversos espaços em que circulam as mulheres. A pesquisa foi realizada durante o ano de 2014. Os dados coletados durante a pesquisa de campo foram examinados por meio de uma aproximação com a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011).

Nessa concepção, a investigação realizada objetivou delinear os movimentos sociais, enquanto espaços não formais de ensino e de aprendizagem e como possibilitam o empoderamento das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia.

Como fundamentação teórica optou-se por autores que discutem com propriedade os conceitos de Freire (2011), Scherer-Warren (1996), Tarrow (2009) e Touraine (1989) no que se refere à aprendizagem, experiência social e movimentos sociais; Castells (1999), Oakley e Clayton (2003) para fundamentar a concepção de identidade cultural; Baqueiro (2012), Gohn (2008, 2012, 2013) e Hall (2011), a fim de compreender conceitos sobre os saberes adquiridos nos espaços não formais de aprendizagens.

Em um contexto geral, o Maranhão é um dos nove Estados que compõem a região Nordeste. Sua superfície tem uma extensão de 331.983.293 km² do território brasileiro. É formado por um quantitativo de 217 municípios, dentre estes o município de Imperatriz. Conforme o Censo Demográfico de 2010, Imperatriz possuía uma população de 247.505 habitantes, distribuída em uma extensão territorial de 1.369 Km². Localiza-se a 636 km da capital do Estado, São Luís

1 Para esse estudo a principal abordagem está ancorada na proposta de Rowlands (1990), que considera el empoderamiento como un conjunto de procesos [...] centrado alrededor del núcleo de desarrollo de confianza, autoestima, sentido de la capacidad individual o grupal para realizar acciones de cambio y la dignidad.

2 Visitas e entrevistas realizadas durante a produção da dissertação de mestrado de Autor 1 (2015).

3 A pesquisa teve o comprometimento com as questões éticas. Foi realizado e apresentado às participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. As participantes tiveram o esclarecimento da pesquisa para tomar a decisão de forma justa e sem constrangimentos. As participantes aqui descritas manifestaram de forma clara a concordância com a participação na pesquisa. O TCLE foi defendido apresentado na banca de qualificação de mestrado do Autor 1, junto ao Programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari.

(IBGE, 2015).

O Estado tem aproximadamente 400 mil famílias que vivem, exclusivamente, da economia do babaçu. Desse modo, Maranhão é o Estado brasileiro com a maior concentração de babaçuais, com cerca de 10,3 milhões de hectares, representando mais da metade do que é encontrado em todo o território brasileiro (BARBOSA, 2013).

A história da ocupação e povoamento do Maranhão é marcada por conflitos e por um modelo econômico de favorecimento aos grandes grupos de latifundiários, grileiros e do agronegócio, que ao longo de décadas se apropriaram de terras, fazendo com que milhares de famílias agroextrativistas e pequenos agricultores fossem expulsos desses espaços, bem como arrastados em conflitos envolvendo disputas por terras.

O Maranhão, nessa conjuntura, tem historicamente um registro marcado pela omissão e pelo desrespeito a determinados setores da sociedade, como é a realidade das mulheres extrativistas, que buscaram a partir dos movimentos sociais encontrarem os meios necessários para a mobilização de ações de formação e de organização com a finalidade de combater o modelo equivocado de desenvolvimento, que aprofundava as desigualdades sociais entre pobres e ricos, entre o rural e o urbano.

Assim, os problemas mais severos referentes às disputas pelas terras maranhenses surgiram com a implantação da Lei nº 2.979 de 17 de julho de 1969 (MARANHÃO, 1969), conhecida como Lei de Terras, ou Lei Sarney de Terras, que contribuiu de forma significativa para o avanço desenfreado da pecuária no Maranhão (GONÇALVES, 2000).

A Lei de Terras garantiu a privatização de terras públicas e estimulou a expansão de projetos agroindustriais e agropecuários, expulsando os antigos ocupantes dessas áreas, que eram predominantemente povos afrodescendentes e indígenas, para outras regiões do Estado (BARBOSA, 2015). Como consequência da implantação da Lei de Terras surgiu uma série de conflitos por disputas de territórios.

Nas terras maranhenses, a agricultura de subsistência era a principal atividade econômica dos trabalhadores agroextrativistas e, segundo Ayres Junior (2007, p. 38): “[...] seu grande diferencial é o de ser executada em meio aos palmeirais em uma espécie de consórcio, no qual as palmeiras são desbastadas e a roça dita ‘de toco’ é implantada no terreno logo após a sua queima”.

Os problemas de disputas por terras no Maranhão e os conflitos gerados a partir de então são muitos. Entre estes, segundo Barbosa (2013), destacam-se a concentração fundiária e a grilagem. Para a autora (2013, p. 135): “Essa prática tem, ao longo de décadas, ameaçado a sobrevivência de pequenos produtores rurais, como as quebradeiras de coco e os agricultores maranhenses”.

Nesse contexto socioeconômico e político do Maranhão, as quebradeiras de coco babaçu identificaram que os donos das áreas recém-ocupadas estavam dificultando o acesso aos babaçuais, e que estes posicionamentos estariam interferindo

diretamente na sobrevivência de suas famílias. A partir dessa nova realidade, elas buscaram se organizar no modelo de luta coletiva, batalhando pelo direito a terra, bem como de garantir o exercício de suas atividades de quebra do coco, já que o resultado dessas coibições, segundo Mesquita (2008), foi uma violenta queda da renda dessa categoria.

A história do movimento social das quebradeiras de coco babaçu registra o período de diferentes formatos de dominação e de controle dos senhores de terras. No entanto, as quebradeiras encontraram na união e no modelo de luta, os mecanismos para reagirem ao sistema de opressão. Deste modo, o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB teve início em meados de 1989. A criação, enquanto instituição, ocorreu a partir de 1990 por meio das discussões e análises realizadas nos pequenos grupos de estudos das mulheres camponesas e trabalhadoras agroextrativistas. Sua institucionalização como associação deu-se, conforme o estatuto, em 14 de setembro de 2001, transformando-se em Associação do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – AMIQCB, constituindo-se em uma entidade de mulheres camponesas (RÊGO; ANDRADE, 2005).

A construção de um modelo de sociedade com menor grau de desigualdades e de injustiças parte da premissa de que: “[...] os próprios sujeitos são construtores ou reprodutores de estruturas sociais” (GOHN, 2012, p. 46). Assim, o movimento social, nas palavras de Silva et al. (2013), é visto como uma forma de organização, que permite que nos espaços coletivos estes sujeitos se articulem com o propósito de agir coletivamente em torno de objetivos definidos em grupo.

Para tanto, é importante revelar que a história, cuja motivação levou as mulheres quebradeiras de coco babaçu pela criação do MIQCB deu-se quando essas foram, não somente expulsas de suas terras, em detrimento dos grandes investimentos da agricultura e do agronegócio na década de 1980, mas, acima de tudo, quando foram impedidas, pelos grandes proprietários de terra, de realizar a coleta e a quebra do coco e, ainda, presenciarem as derrubadas das palmeiras de babaçu.

O modelo adotado pelos proprietários das terras para impedir que essas mulheres adentrassem suas terras para a realização da extração e quebra do coco babaçu foi o de cercamento, que segundo Barbosa (2015, p. 141) é o formato, em que os proprietários dessas áreas: “[...] se apropriaram das terras cercando-as em grandes áreas, denominadas de fazendas”.

Desta forma, a mobilização, a preocupação com a sua fonte de renda, a necessidade de lutar pela sobrevivência das palmeiras de babaçu deram origem ao MIQCB, que permitiu às quebradeiras de coco passarem a dirigir associações e coordenarem cooperativas, além de conquistarem espaço político para suas reivindicações e propostas, principalmente, no plano nacional ligado aos órgãos institucionais e dos ministérios (ALMEIDA, 1995).

O MIQCB alcançou, ao longo de duas décadas, algumas

conquistas, como a Lei do Babaçu Livre⁴, que garantiu para alguns municípios do Maranhão, como Imperatriz, a aprovação da lei que garante o direito de coleta do coco babaçu em terras públicas e privadas.

3 Resultados e Discussão

Ao final da década de 1950, inicia-se uma intensa onda migratória para a região, na qual se insere o município de Imperatriz, provocada pela chegada de grande número de agricultores e extrativistas, que fugiam de zonas de tensão e exaustão que ocorria na época no Maranhão e em outros Estados brasileiros (LUNA, 1984). Isso justificou o acelerado crescimento populacional e econômico vivido pelo município.

Os investimentos bilionários surgidos nos últimos 10 anos têm modificado as características do município de Imperatriz, quanto ao aspecto físico e populacional da cidade. Imperatriz recebeu investimentos tanto nas áreas urbanas, quanto nas rurais. Nas áreas urbanas, os investimentos foram voltados, principalmente, para o setor da construção civil e, nas áreas rurais, para o incentivo à plantação monocultora de eucalipto. Esse modelo de investimento, o qual Imperatriz recebeu na última década levou a mudanças expressivas no cotidiano da maior parte da população.

Quanto a Coquelândia, seu surgimento, segundo relatos de moradores, data de meados da década de 1950, quando se tem o registro da chegada de novas famílias à região. Foi com base nos primeiros trabalhos realizados por essas famílias, que a comunidade passou a tomar o formato de povoado, tornando-se uma das grandes povoações em termos populacionais do município de Imperatriz.

O povoado está localizado na Estrada do Arroz⁵, distante 36 Km da sede do município de Imperatriz. Sua população é estimada, segundo dados da Prefeitura Municipal de Imperatriz, em 12 mil habitantes.

A imagem do povoado de Coquelândia é, ainda, uma representação viva da abundante diversidade ambiental. Suas terras transitam entre a floresta amazônica e o cerrado, o que gera grande expansão das atividades agrícolas e da pecuária, além da forte extração extrativista nas áreas detentoras da grande presença das palmeiras de coco babaçu.

Sobre a chegada das famílias a Coquelândia e da fertilidade das terras do povoado, uma das quebradeiras de coco, em seu depoimento, fez a seguinte descrição:

Meu pai e minha mãe quando chegaram aqui de Pernambuco, chegaram com seis filhos pequenos; meu pai não tinha como trabalhar mais fazendo roça porque os fazendeiros de lá estavam expulsando todo mundo das suas terras, e aqui tinha muita terra boa pra plantar. E foi assim que vivemos toda nossa vida, meu pai trabalhando na roça e minha mãe

quebrando coco (J.T.S. 65 anos).

O depoimento desta moradora, que também é quebradeira de coco babaçu, ao falar da chegada de sua família ao povoado de Coquelândia, permite deduzir que, as terras que compõem o município de Imperatriz, foram terras povoadas por homens e mulheres dos mais diferentes lugares do território brasileiro, em busca de garantir melhores condições de vida para suas famílias por intermédio, principalmente, da agricultura de subsistência e da atividade extrativista.

Nesse cenário, as densas florestas de babaçuais possibilitaram às mulheres, a extração das amêndoas da região, representando economicamente, a melhoria da renda familiar, ou seja, a extração das amêndoas e o comércio escoado pela Estrada do Arroz se tornaram a principal atividade de sustento de um número significativo de famílias.

A construção da Estrada do Arroz também provocou transformações negativas para essa comunidade, pois se antes as terras eram consideradas como livres, passaram a ser compradas por fazendeiros, dando início ao cercamento⁶.

Em relação aos limites territoriais, é importante frisar que no povoado de Coquelândia, uma nova realidade social e geográfica surgiu com os avanços econômicos e tecnológicos na região, a começar com a paisagem local que exibía anteriormente, uma mata fechada de babaçuais. Contudo, essas grandes extensões de terras têm servido para o plantio de capim no intento de atender o agropecuário regional, ou são tomadas pelas vastas plantações de eucalipto com a finalidade de atender às demandas de empresas de celulose da região.

Com base nessa realidade, nos últimos 10 anos, as florestas da região têm apresentado uma queda vertiginosa no quantitativo de palmeiras de babaçu, que ainda resistem diante do modelo de investimentos propostos para a região, graças à luta permanente das mulheres quebradeiras de coco. Esta realidade foi facilmente percebida, nas visitas *in loco* ao povoado de Coquelândia, quando se teve a preocupação de observar, de forma mais atenta, o cenário geográfico que determina este povoado, comprovando assim, que as palmeiras de babaçu têm sido reduzidas em decorrência dos investimentos que a região tem recebido no campo da agricultura e pecuária, bem como com as grandes plantações de eucalipto, pois em algumas áreas quase não se percebe palmeiras de babaçu.

A declaração de uma quebradeira de coco em um dos vários momentos do seu trabalho merece destaque pela clareza dos detalhes citados, o que permite compreender os graves problemas que assolam o universo das mulheres

4 Ver projeto de Lei nº 231/2007, que dispõe da proibição da derrubada de palmeira de babaçu nas estradas do Maranhão, Piauí, Tocantins, Pará, Goiás e Mato Grosso.

5 A estrada que dá acesso ao Povoado de Coquelândia recebeu o nome de Estrada do Arroz, cuja denominação ocorreu em função da grande quantidade de arroz plantada às margens da via.

6 O cercamento das terras é feito com arrames farpados, o que serve para delimitar as áreas das fazendas, além de impedir que os gados se desloquem além dos limites das fazendas, bem como impedir que as mulheres quebradeiras de coco adentrem nessas áreas para a extração do coco babaçu.

que dependem do coco babaçu para seu sustento e o de sua família: “Aqui nessa região tinha muita palmeira de babaçu, hoje a gente vê pouca, esses anos todos os donos de terra vêm destruindo, bota fogo, mata a pindova, e nós vamos ficando sem lugar pra pegar e quebrar o coco” (E.C.C., 52 anos).

A maneira como a quebradeira de coco tratou de exemplificar a história de destruição das palmeiras de babaçu é uma forma de demonstrar sua tristeza e indignação diante das comprovações que ela também tem feito, ao longo de anos, em relação às mudanças que as matas de babaçuais vêm sofrendo; provocados pelos grandes investimentos feitos na região para o agronegócio e da monocultura do eucalipto, que reflete diretamente no cotidiano de suas famílias.

Para tanto, um dos maiores problemas que se apresentou para as mulheres, quebradeiras de coco babaçu, deu-se em função da instalação de uma empresa de celulose. A mesma tem incentivado investimentos no setor de base florestal com a plantação de eucalipto na ordem de mais de R\$ 4,6 bilhões para a produção de pasta de celulose e para a exportação para os mercados norte-americanos e mercado europeu, na ordem de 1,5 toneladas ao ano (FIEMA, 2015).

Os movimentos sociais aparecem nesse cenário como porta voz de um grupo de pessoas, que se encontra em uma mesma situação, seja esta, econômica, social, política ou cultural. Do mesmo modo, os movimentos se confirmam como forma de objetivar a mudança, a transição ou até mesmo a revolução de uma determinada realidade (TOURAINÉ, 1989).

Porém, vale destacar que a luta pela preservação das palmeiras do coco babaçu, pelo direito ao acesso livre à terra, pela garantia da identidade de ser quebradeira de coco com direito a ser ouvida e ser respeitada, bem como por uma melhor qualidade de vida, têm instigado as mulheres quebradeiras de coco, não só de Coquelândia, mas de todos os povoados de Imperatriz e dos demais municípios do Estado, a se fazerem cada vez mais presente nos movimentos sociais. Atualmente, 2017, o MIQCB tem mais de 500 mulheres associadas em todo o Estado.

Assim, os movimentos despontam como os mais eloquentes indicadores para a análise do funcionamento da sociedade, pois traduzem o persistente movimento das forças sociais, possibilitando identificar as tensões entre os diferentes grupos de interesses e suas complexas estruturas de funcionamento.

Em um contexto de lutas coletivas, ressalta-se a importância que o MIQCB tem para as mulheres militantes. Também é necessário evidenciar o cotidiano das atividades que são desenvolvidas no interior dessa movimentação coletiva, com o intuito de fortalecer suas políticas de lutas e de busca por mais direitos e oportunidades de uma vida com maior dignidade e justiça social.

Azevedo (2010, p. 215) afirma que os movimentos sociais: “[...] são tentativas coletivas e organizadas que têm a finalidade de buscar determinadas mudanças ou até mesmo

estipular a possibilidade de construção de uma nova ordem social”. Dessa maneira, o fortalecimento dos indivíduos dentro dos movimentos sociais não são um ente unitário, mas um conjunto de grupos que se articulam entre si negociando ideias, representações, pautas e interesses, que em sua dinâmica interna, processam-se e resultam em um correspondente de autonomia individual e coletiva para os sujeitos envolvidos. Nesse sentido, os movimentos sociais, segundo Gohn (2012, p. 45): “[...] apresentam experiências, aprendizagens criadas e recriadas, lógicas construídas na práxis das necessidades de sobrevivência”.

As mulheres quebradeiras de coco do MIQCB, do povoado de Coquelândia, regional de Imperatriz têm rotinas constantes de reuniões e encontros em várias cidades do Maranhão e cidades vizinhas. As reuniões internas realizadas têm motivações distintas, que vão desde o planejamento de suas ações referentes às visitas às comunidades, reuniões com as lideranças dos núcleos para planejar as viagens dos encontros regionais e das ações que cada mulher deve desempenhar nas comunidades, estudos dirigidos de temáticas diversas e de interesse das mulheres e de seus filhos, até a movimentação política de que necessitam travar nos órgãos públicos e forças políticas, em busca de parcerias que possam apoiar suas lutas, com o objetivo de possibilitar oportunidades e acesso aos mais diferentes espaços sociais.

As reuniões acontecem, com maior frequência, na sede do MIQCB, localizado em Imperatriz, mas também são realizadas nas próprias comunidades. O interesse são os mais diversos, segundo afirma E.C.C. (52 anos), um dos aspectos essenciais é fortalecer o núcleo existente de quebradeiras de coco babaçu nos povoados e municípios, que compõem a regional de Imperatriz.

Ainda, sobre a relevância das reuniões denominadas pelas quebradeiras de coco babaçu de “encontrinhos”, destaca-se o posicionamento de R.S.G. (30 anos), sobre a importância do momento para o grupo de mulheres. Para ela:

O momento das reuniões é muito importante para que essas mulheres possam permanecer unidas, são nesses momentos que elas recebem as informações das ações que estão sendo realizadas pelo MIQCB e das parcerias que estão sendo firmadas, com a finalidade de melhorar as fontes de renda delas. É nas reuniões que elas definem as oficinas que querem ter, os cursos, as reuniões servem para muita coisa importante para o grupo.

As percepções das mulheres que participam do MIQCB, em relação aos momentos das reuniões, têm significados distintos. É a partir desses encontros, que elas se fortalecem enquanto grupo coletivo, planejam-se, organizam, bem como buscam associações que as representem. Consideram um apoio importante para suas lutas, além de identificarem, nesse cenário, um momento formidável de discussão em busca de alternativas em prol de melhorias de vida para a comunidade.

Agindo dessa forma, as quebradeiras de coco de Coquelândia confirmam as palavras de Silva et al. (2012),

quando se remete ao movimento, pois planejar, nos movimentos sociais, é mais que fazer coisas de forma organizada, mas acima de tudo é criar possibilidades de fazer coisas que representem um espaço participativo e democrático da sociedade vigente.

Estar associada ao MIQCB é fundamental para essas mulheres, em suas individualidades e coletividades, pois na medida em que se identificam com o movimento, “[...] essas mulheres passam a ficar mais conscientes de seus direitos, deixam de manter acordos com empresas que são causadoras dos maiores prejuízos para os babaquais, e fortalece o movimento”, afirma T.J.C.P. (59 anos).

O pensamento de T.J.C.P. (59 anos) reflete o olhar abrangente que ela possui para o papel do movimento social. O mesmo possibilita, segundo a trabalhadora, melhor grau de consciência para os sujeitos envolvidos, proporciona novos saberes, conhecimentos e autonomia necessários para avaliar as melhores condições de luta dentro de sua realidade.

A consciência evidenciada pelas mulheres, por meio da forma de buscar o reconhecimento e conquistar direitos, reflete o significado dos saberes alcançados, por meio da presença e da participação no movimento de quebradeiras, que permite que estas se tornem mais “donas de si”, dos seus pensamentos e, conseqüentemente, de suas vidas.

Segundo R.S.G. (30 anos), outro momento que merece atenção foi a participação no VII Encontro das Quebradeiras de Coco Babaçu, realizado no Centro de Estudo Sindical Rural (CESIR) em São Luís/MA. O encontro, realizado entre 23 a 25 de setembro de 2014, teve como tema: “Quebradeiras de Coco Babaçu Cultura Viva nos Territórios Tradicionais”, contando com a participação de quase 200 quebradeiras de coco.

O evento foi marcado por três dias de intensas atividades, com mesas-redondas, palestras e oficinas. A programação foi acompanhada, com muita atenção, pelas quebradeiras de coco, que fizeram intervenções significativas, demonstrando, claramente, o grau de compreensão adquirido durante as discussões realizadas. As mulheres também acompanharam as palestras previstas nos dias do encontro, as quais abordaram as seguintes temáticas: a conjuntura social dos movimentos rurais; território e resistência; violência doméstica e acesso ao mercado institucional.

Observou-se que as manifestações das mulheres foram marcadas por convicções incisivas, principalmente, quando elas não concordavam com algo que foi dito. As intervenções realizadas durante todo o VII Encontro refletem o grau de maturidade adquirido dentro do movimento, o qual se apresenta para elas como o espaço de estudo, de debate e de socialização de ideias.

A partir da movimentação das quebradeiras de coco, durante todo o VII Encontro, houve a oportunidade de perceber o universo dessas mulheres em seus espaços de debate, estudo e socialização. Dessa maneira, os movimentos apontam para um ambiente que, segundo Gohn (2013, p. 40):

“[...] mobilizam ideias e valores e gera saberes e aprendizados coletivos”.

As atividades desempenhadas pelo MIQCB são compartilhadas com o objetivo de que tenham conhecimento dos assuntos, das políticas e dos contextos que envolvem o universo das quebradeiras de coco.

A aprendizagem não caracteriza para essas mulheres tão somente assuntos que são discutidos em palestras, reuniões, encontros, seminários, oficinas ou outros espaços que levem a obtenção de conhecimentos, mas os conhecimentos que permitem que essas mulheres possam estar preparadas para as situações adversas da vida. Pode-se ver isso na fala de R.S.G. (30 anos), pois:

Tudo que nós aprendemos dentro da assessoria, a gente ensina para as mulheres que fazem parte da direção, então eu ensino onde estão os documentos, abri e-mail, escanear, imprimir, encaminhar mensagem, atender telefone, anotar recado, ela sabe onde está as prestações de conta, onde está os ofícios, sabe onde está tudo. São trabalhos que eu faço que eu aprendo aqui, e que eu também ensino, porque quando eu não puder fazer, elas fazem tranquilo.

Para as integrantes, o aprender e o ensinar surgem como um processo para o fortalecimento delas e do movimento, enquanto espaço de reafirmações coletivas e individuais, pois é a partir desse conhecimento conquistado, segundo seus depoimentos, que elas passam a viver empoderadas. Como se observa na fala de R.S.G. (30 anos):

O movimento é um espaço que a gente consegue aprender e ensinar ao mesmo tempo, mais aprender. Eu não tenho uma formação acadêmica ainda, mas eu estou tendo uma formação que não se aprende dentro de faculdade nenhuma do mundo [...]. Quando eu terminar minha faculdade eu vou ter minha segunda formação, porque a primeira eu estou tendo, e esse trabalho que estou tendo no movimento é como se fosse minha especialização (risos).

Falar no movimento de quebradeiras de coco, para as mulheres que lutam diariamente por seus direitos, é lembrar a oportunidade de aprendizados que serão levados não só para o presente de suas atividades, mas para toda a vida, é o que se confirma nas falas de R.S.G. (30 anos), quando discute a representação que o movimento tem em sua vida. Para ela, o movimento: “É algo muito rico, que quando eu chegar nos meus 40 ou 50 anos, eu vou levar pro resto da minha vida, tudo que eu aprendi e estou aprendendo, e esse conhecimento ninguém nunca vai me tirar”.

Para essa jovem quebradeira de coco, o MIQCB tornou-se uma oportunidade de aprender, pois esse passa a ser espaço dinâmico, marcado pelas mais diferentes possibilidades de reunir, de ouvir, de falar, de calar, de ler, de estudar, de interpretar e de refletir o mundo e a vida dos sujeitos nos mais diferentes papéis que ocupam na sociedade, permitindo que a partir dessa aquisição de saberes, ela passe a se tornar mais autônoma e segura para ocupar e atuar nas mais diferentes funções e ocupações humanas.

Os saberes das mulheres quebradeiras de coco adquiridos e compartilhados durante anos de experiência e de luta dentro

do MIQCB têm levado, conforme R.S.G. (30 anos), a se tornarem mais dinâmicas e autônomas, pois:

As mulheres que estão no movimento são mulheres hoje que sabem sentar, discutir, planejar, procurar metodologias, sabe concordar, discordar, acrescentar, contribuir, sabem construir, sabem opinar, sabem escrever, sabem dirigir, gestar, sabem fazer tudo, sabem fazer o que elas quiserem e ao mesmo tempo fazendo a diferença em suas comunidades. [...] levantar uma bandeira tão forte do movimento é mais uma quebra de mito que a mulher não pode fazer gestão, que mulher não pode dirigir, que mulher não pode presidenciar, que mulher não pode coordenar, que mulher não pode pensar ações, executar, planejar, participar de todas as etapas. Mulher pode, tanto faz se ela é quebradeira de coco, se ela é deputado, ela pode.

O pensamento da quebradeira de coco sobre as capacidades adquiridas, pelas integrantes do movimento, permite pensar no empoderamento defendido por Freire e Shor (1986). Para os pesquisadores, um invento individual ou psicológico, o empoderamento se configura como um processo de ação coletiva.

Essas mulheres, em luta coletiva, buscaram a partir da criação do MIQCB, reunir-se tendo como base os parâmetros de luta em defesa do meio ambiente; de preservação dos babaçuais e do seu livre acesso, instituída, em muitas vezes, a partir de lutas de natureza político-jurídico, como foi a defesa pela construção de uma recomendação de legislação peculiar – Lei Babaçu Livre e as formas *sui generis* de associativismo e de cooperação.

Portanto, ao se analisar o Estatuto da criação da AMIQCB, no Capítulo I, no Art. 4º, que discorre de sua finalidade, percebe-se que os objetivos elencados são relevantes para o universo das mulheres quebradeiras de coco babaçu, tendo em vista que as questões prioritárias relacionadas tratam da defesa dos babaçuais, da elaboração de políticas que contemplem as questões de gênero e, conseqüentemente, levem a construção de uma sociedade de relações justas entre os gêneros, bem como o apoio à pesquisa sobre o universo do extrativismo do babaçu.

As quebradeiras de coco, quando destacam a relevância do planejar e de criar estratégias de atividades de grupo, confirmam o que Anastasiou e Alves (2015, p. 70) defendem em relação à importância das estratégias que, por meio delas: “[...] aplicam-se ou exploram-se os meios, modos, jeitos e formas de evidenciar o pensamento, respeitando as condições favoráveis para executar ou fazer algo”.

Nos relatos, ter acesso aos mais diferentes conhecimentos, por meio das temáticas discutidas no MIQCB, tais como: gênero, leis, violência da mulher, sexualidade, tomada de consciência de seus poderes coletivos, enquanto grupo, empoderamento, direitos e tantos outros assuntos, é visto como fundamental no universo coletivo dessas mulheres, e que a falta de informações e conhecimentos, segundo elas, pode levar a estarem em condições de vida cada vez mais precárias e em situações de risco, ou mesmo de terem que conviver com uma sociedade marcada pela injustiça social, preconceito e discriminação.

As análises de conjuntura realizada no universo das quebradeiras de coco e da dinâmica, que envolve o cotidiano de suas vidas, concretizam-se, principalmente, em seus espaços de reuniões e de planejamento, destacando a falta de políticas públicas que visualizem as mulheres quebradeiras de coco e o homem do campo com compromisso e responsabilidade, bem como avaliam as conseqüências dos investimentos que têm sido feitos nos últimos anos na região Tocantina, e que representam um cenário cada vez mais difícil de acesso a terra para coleta e quebra do coco e, conseqüentemente, de sobrevivência no campo com suas famílias.

Para E.C.C. (52 anos), as mudanças que têm ocorrido nas últimas duas décadas, no cenário do trabalhador do campo e na vida das mulheres quebradeiras de coco, só são entendidas na medida em que existem estudos com a finalidade de compreender quais fatores são os causadores das transformações, as conseqüências para a vida dessas famílias e como suas ações, enquanto movimento, podem contribuir para minimizar os efeitos negativos destas políticas de investimento, que dificultam a vida no campo. Como se observa na fala de E.C.C. (52 anos):

As mudanças que ocorrem nas nossas matas, nós quebradeiras nos reunimos com pesquisadores, é aqueles que fazem trabalho no mapa, a gente faz um levantamento, vai nas comunidades colhendo informações sobre as empresas e os impactos, e eles fazem os mapas e aí nós temos a nova cartografia.

O depoimento da trabalhadora demonstra o conhecimento e a politização do movimento. Para isso, elas têm procurado parcerias com pesquisadores de diferentes instituições científicas, que custeados pelo MIQCB, para realizar pesquisas do interesse do movimento e, assim, buscar condições de avaliar com mais propriedade as propostas, que estão sendo apresentadas pela iniciativa privada, poder público para investimento local, as quais representam grandes impactos na vida das suas comunidades.

Desse modo, enquanto processo e resultado, o empoderamento pode ser compreendido como um processo social, no qual os sujeitos sociais tomam posse de suas próprias vidas pela interação constante e contínua com os outros, gerando um pensamento crítico em relação ao contexto vivido e, principalmente, favorecendo a construção da capacidade individual e coletiva, possibilitando a transformação de relações de poder tanto no contexto social como particular.

4) Conclusão

O estudo aduz um universo de mulheres que, por meio da luta constante no movimento, procuram a segurança de sua identidade de quebradeiras de coco babaçu, o direito de conquistar espaços na sociedade com o intuito de sobrevivência, de reconhecimento, de autonomia e de empoderamento, elementos essenciais para a garantia da dignidade humana.

O Movimento Interestadual das Mulheres Quebradeiras

de Coco Babaçu, MIQCB, por meio de atividades constantes, como reuniões, planejamentos, encontros, oficinas, palestras e outros, realizadas por elas, enquanto movimento social, na sede ou nas comunidades, torna-se extremamente relevante para a sobrevivência, manutenção da cultura da quebra do coco e da identidade de quebradeiras.

O movimento fortalece e estimula as lutas coletivas, individuais e diárias por seus direitos, a partir da necessidade de conhecer e compreender as mudanças sócio-políticas, econômicas e culturais da sociedade e do seu entorno.

As observações realizadas permitiram apontar que as participantes do MIQCB ocupam cenários participativos da sociedade, tornam-se independentes, com maior poder de decisão, apresentando-se como lideranças nas comunidades.

A concepção do ensinar e do aprender, no espaço do movimento, transcendem os limites dos espaços formais de aprendizagem, passando a serem vistos e defendidos como espaços em que elas se reúnem, discutem, planejam, estudam, debatem e que servem para adquirir conhecimentos e, conseqüentemente, lutar pelo direito a terra, ao acesso livre aos babaçuais, à garantia de direitos para a mulher, por oportunidade de participarem em diferentes espaços sociais e políticos, bem como por melhores condições de vida para elas e suas famílias.

A aquisição do conhecimento é vista e idealizada pelas mulheres quebradeiras de coco apoiadas em seus relatos, depoimentos e entrevistas, como uma forma de ensino e de aprendizagem adquiridos ao longo da vida, por meio das tradições, das memórias, bem como pela participação em reuniões, em debates, encontros, oficinas, palestras e outros eventos organizados pelo MIQCB, com o fim de chegar até as comunidades e em diferentes segmentos da sociedade.

Referências

ALMEIDA, A. W. *Quebradeiras de coco: identidade e mobilização: legislação específica e fontes documentais e arquivísticas*. São Luís: MIQCB, 1995.

ANASTASIOU, L.G.C.; ALVES, L.P. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, L.G.C.; ALVES, L.P. (Org.). *Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*. Joinville: Univille, 2015. p.67-100.

AYRES JUNIOR, J.C. *A organização das quebradeiras de coco babaçu e a refuncionalização de um espaço regional na microrregião do Médio Mearim Maranhense*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

AZEVEDO, D.A. Movimentos sociais, sociedade civil e transformação social no Brasil. *Rev. Multidisciplinar UNIESP*, n.9, p.214-223, 2010.

BARBOSA, V.O. *Mulheres do babaçu: gênero, materialismo e movimentos sociais no Maranhão*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013.

BARBOSA, V.O. *Na terra das palmeiras: gênero, trabalho e identidades no universo de quebradeiras de coco babaçu no Maranhão*. Jundiá: Paco, 2015.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAQUERO, R.V.A. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – Uma discussão conceitual. *Rev. Debates*, v.6, n.1, p.173-187, 2012.

CASTELLS, M. *O Poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FIEMA. *Federação das Indústrias do Estado do Maranhão*. 2015. Disponível em: <<http://www.fiema.org.br>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, P.; SHOR, I. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GOHN, M. G. *Educação não-formal e cultura política*. São Paulo: Cortez, 2008.

GOHN, M. G. *Movimentos sociais e educação*. São Paulo: Cortez, 2012.

GOHN, M. G. Aprendizagens em pedagogias alternativas: movimentos sociais, desigualdade e diversidade. *Desigualdade e Diversidade Rev. Ciênc. Soc.*, n.12, p.13-27, 2013.

GONÇALVES, M.F. *A reinvenção do Maranhão dinástico*. São Luís: UFMA/PROIN, 2000.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

IBGE. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. 2015. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 10 ago. 2018.

LUNA, R.C. *A terra era liberta: um estudo da luta dos posseiros pela terra no vale do Pindaré, MA*. São Luís: EDUFMA, 1984.

MARANHÃO. Dispõe sobre as terras de domínio público e dá outras providências. Lei n. 2.979, São Luiz: 1969. In: GONÇALVES, M. de F. C. *A reinvenção do Maranhão dinástico*. São Luís: UFMA, PROIN, 2000.

MESQUITA, B. As mulheres agroextrativistas do babaçu: a pobreza a serviço da preservação do meio ambiente. *Rev. Política Pública*, v.12, n.1, p.53-61, 2008.

OAKLEY, P.; CLAYTON, A. *Monitoramento e avaliação do empoderamento*. São Paulo: Instituto Pólis, 2003.

PINTO, R.P.F. *Movimentos sociais, aprendizagem e mulheres do povoado de Coquelândia/Imperatriz/Maranhão*. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Centro Universitário Univates, Lajeado, 2015.

RÊGO, J.L.; ANDRADE, M.P. História de mulheres: breve comentário e a identidade das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão. *Agrária*, n.3, p.47-57, 2005.

ROWLANDS, J. Empoderamiento y mujeres rurales en Honduras: un modelo para el desarrollo. In: LEÓN, M. (Org.). *Poder y empoderamiento de las mujeres*. Bogotá: Tercer Mundo, 1997. p.213-245.

SCHERER-WARREN, I. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Loyola, 1996.

SILVA, C.; ARANTES, R.; FERREIRA, V. Nosso trabalho sustenta o mundo. Recife: SOS Corpo, 2012.

TARROW, S. *O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Vozes, 2009.

TOURAINÉ, A. *Palavra e sangue: política e sociedade na América Latina*. Campinas: Editora Unicamp, 1989.